

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

SINOPSE

Com uma linguagem leve e bem-humorada e alternando momentos líricos e dramáticos, este livro de Edson Bueno tem como protagonista um garoto muito especial. Divertido e curioso, Napo nos faz lembrar de inesquecíveis personagens da nossa literatura infantil, como a Emília do Monteiro Lobato. São as histórias desse menino que conhecemos e vivenciamos ao ler esta envolvente narrativa que trata da infância e das descobertas da vida. Imperdível!

APRESENTAÇÃO

Qualquer moleque pode imaginar-se dois, alguém duplicado que faz e vê o que faz, ao mesmo tempo. Ser mais, ser múltiplo, ser piá ou guri, o tempo todo. Por dentro. Criar um rinoceronte debaixo da cama, conversar com Papai Noel enquanto ninguém está vendo. Napo faz dessas!

A gente pode mesmo ir a outros lugares sem sair daqui. É bom saber voar, tirar os pés do chão, sentindo-se mais mágico. Qualquer um pode ver as coisas que normalmente quem vive olhando os próprios pés não enxerga. Ou não quer enxergar. É bom também quando os sentimentos vão para o alto, alto, alto. Napo é meio assim: nuvem de poesia e perguntas sobre o mundo inteiro. E respostas rápidas que ninguém sabe de onde ele tira!

Napo, o menino que não existe. Minto: existe, sim, e insiste em ser sempre um cara plausível impossível. Que é isso? Descubra, filosofando e divertindo-se a cada disparate, recordação, capítulo ou instante deste livro que é como um álbum — e Napo a sua principal figurinha. Rara.

— por PETER O'SAGAE.

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

FICHA TÉCNICA

Ilustradora: Cris Eich

Formato: 15,5 x 23 cm

Número de páginas: 144

Coleção: Metamorfose

ISBN: 978-85-385-4101-1

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

A obra “Napo — um menino que não existe” é formada por diversos capítulos que contam episódios da vida do protagonista. Para iniciar a motivação, explique que tudo que está numa obra literária é proposital e foi previamente pensado pelo autor, assim como as ilustrações são também uma possível leitura da obra, realizada intencionalmente pelo ilustrador. Portanto, as escolhas realizadas não são por acaso, tudo está em diálogo na obra.

Capa: Conduza a leitura dos elementos que compõem a capa e oralmente faça a análise com os alunos, chamando a atenção para as cores escolhidas pela artista Cris Eich. Indague sobre o porquê de a capa trazer tantas cores. Isso faz você esperar o que da história? Onde está o menino na capa? Podemos dizer que esse menino tem quais características? Seria ele peralta, esperto, medroso, corajoso, pé no chão, sonhador? O título diz que Napo é um menino que não existe. Pergunte por quê.

Orelha: Após o levantamento das primeiras hipóteses de leitura, é interessante ler o texto da orelha do livro. O texto escrito por Peter O´Sagae enfatiza o caráter poético e sonhador do protagonista. Provoque seus alunos, perguntando sobre o que eles imaginam ter debaixo das suas camas, se eles já imaginaram se é possível ao homem voar, qual ideia mirabolante eles já tiveram. Peter O´Sagae atiza a curiosidade do leitor sobre as histórias de Napo, fala sobre seus disparates, a fantasia e o modo como Napo, por ser plausível impossível (ver p. 49), é um personagem divertido, criativo e com histórias interessantes para contar. Convide seus alunos para a leitura da obra.

Ilustrações: A partir das informações acima, fazer uma prática de resumo oral da narrativa por meio da leitura das ilustrações, conduzindo didaticamente as hipóteses que os alunos trazem a partir do que imaginam ao

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

ver a sequência de imagens. Como vive o Napo? Nas ilustrações (capa, pp. 6, 41, 73, 82, entre outras) aparece uma rua pouco movimentada, casas e prédios, e esse será realmente um espaço importante para a narrativa. A maior parte das histórias acontece na casa do protagonista, na escola ou na casa da avó. A partir da capa e das ilustrações, faça uma discussão com seus alunos sobre como eles imaginam que vive o protagonista, como é a sua rotina. Napo tem espaço para brincar? Vai à escola? Vai à igreja? Brinca na rua? Como são as casas? Têm quintais? São construções altas ou baixas? Tem rio ou espaço para nadar?

Durante a “Exploração da leitura”, recupere essas hipóteses realizadas na motivação e faça exercícios de análise do texto que dialoguem com os elementos da capa e das ilustrações.

Leitura expressiva: Fazer a leitura expressiva dos dois primeiros capítulos do livro (“Limites” e “Cuidados”), dando ênfase à narração expressiva e interpretativa. Apresentar entonação de voz e depois da leitura enfatizar as ideias principais de cada capítulo. Fale sobre a importância da releitura, pois na primeira leitura apenas se satisfaz o desejo de entender o enredo, e é na releitura que se descobrem os segredos da obra, da sua construção, da sua linguagem.

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

Realizada essa primeira motivação para a leitura do texto, inicie o trabalho de exploração com a análise dos elementos da narrativa e as questões ideológicas que aparecem no decorrer do texto.

Assim, depois de os alunos já terem lido uma vez a obra inteira, sugira que dois alunos voluntários façam a releitura dos dois primeiros capítulos. Fale sobre a importância da entonação da voz, da leitura interpretativa para chamar a atenção daqueles que escutam e, principalmente, da importância de compreender bem o texto, pois quando se entende a história a leitura em voz alta fica mais interessante. Para tanto, faça com eles a interpretação dos dois primeiros capítulos por meio de questões. Não feche as leituras, provoque-os a refletir sobre o que entenderam na primeira leitura e busquem juntos os possíveis sentidos daquele texto.

Limites (p. 06): Comece pelo título. O que eles entendem por limites? A ilustração mostra Napo sentado na nuvem, olhando o céu, isso seria possível? O texto está entre aspas, o que isso significa? Pergunte aos alunos qual seria a sensação de poder deitar numa nuvem e ficar olhando para o céu? Já ouviram falar que apontar estrelas cria verrugas no dedo? Isso é verdade ou crendice? Se podemos acreditar que verrugas nascem nos dedos porque os apontamos

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

para o céu, podemos acreditar que é possível sentar nas nuvens? Diante do pensamento de Napo, o que percebemos enquanto característica deste personagem? (Ele é sonhador, criativo, tem a imaginação fértil? Retome as hipóteses de leitura e mostre como o fato de ele estar pendurado na lua, na capa, já é um indício a respeito do modo com que Napo pensa o mundo).

Cuidados (p. 07): Mostre aos alunos que este texto está inteiramente construído em diálogo. Quem são os dois personagens que conversam? Sobre o que eles conversam? O que tem de lanche? Por que ele não quer mostrar o que levará de lanche? Isso mostra que o personagem não é rico, mas ao mesmo tempo, é cercado de cuidados (como diz o próprio título). Como a mãe nota que o filho cresceu? Analise a ilustração da p. 8. Por que o menino se refere à posição na fila?

Qualidade de vida e imaginação: Faça uma reflexão junto com seus alunos, a partir das hipóteses de leitura que realizaram no início do trabalho com a obra. Comparem com o contexto em que vivem. Indague sobre a qualidade de vida do Napo, sobre seu tempo para brincar, sua mania de ficar olhando para o céu. Compare com a vida de seus alunos. Eles também têm tempo para brincar? Quais brincadeiras costumam fazer? Podem brincar na rua? Passam algum tempo a admirar o céu? Que tipo de contato eles têm com a natureza? Depois, façam uma reflexão sobre como uma vida tranquila interfere ou não na prática da imaginação. Para isso, realize uma atividade de leitura na qual os alunos anotem as passagens do livro em que o Napo está observando a natureza. Essas anotações, depois, podem ser aproveitadas na análise do personagem, por meio da sua caracterização.

Trabalho e Imaginação: Por que o pai dele invoca com a sua mania de olhar para o céu? O que o pai o manda fazer ao invés de ficar olhando o céu? Por que o trabalho é visto como algo útil e a imaginação e a contemplação como algo inútil para alguns adultos?

Escola e Voo: Napo ia à escola, quais aventuras ele viveu por lá? A obra oferece várias histórias que acontecem na escola, entre elas destaca-se “Tragédia” (p.102), em que Napo decide pular a janela da sala de aula e corta o pé num caco de vidro no quintal. As consequências de seus atos certamente aparecem, mas o modo como ele narra o voo deve ser explorado em sala de aula. O recurso literário utilizado pelo narrador para descrever o voo que antecede o acidente é a “câmera lenta”, ou seja, a desaceleração no ritmo da narrativa, para que o momento de impacto do pé com o vidro ganhasse a amplitude que precisava. As consequências da ação aparecem depois, já num tom de aceitação e reconhecimento por parte do protagonista de que sua atitude não foi das mais sensatas. No entanto, a ênfase no voo dialoga com o

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

desejo incrível que o menino tem de voar, que já aparece nos primeiros capítulos da obra. Portanto, é de se entender a valorização do momento do voo para a construção da narrativa.

Em outros momentos Napo produz textos nas aulas e é interessante o trabalho de análise desses textos. Um exemplo é o capítulo intitulado “Explosão”, em que Napo faz uma redação cujo título é “O pior dia da minha vida”. Ali, o personagem faz um relato sobre as coisas de que gosta muito e sobre a trágica experiência de ver o tio Benjamin sarcasticamente abrir uma lata de leite condensado, derramá-la na xícara com café e depois despejar o conteúdo na pia. Explore com seus alunos os sentimentos do garoto, seu desejo de tomar o leite condensado e a reflexão dele sobre a provável separação dos tios. Ele compara a expressão do tio com os personagens dos filmes de terror da Sessão Pesadelo. Relacione esse fato com a história “Cabeça, tronco e membros” que Napo conta aos seus amigos (pp. 75 a 81), do filme da Sessão Pesadelo que ele não consegue ver até o final. Mostre como os filmes aos quais o personagem assiste aparecem na sua produção de texto na escola. Aponte para o fato de que Napo, em suas histórias, sempre se refere a um filme ou um livro que o marcaram de algum modo e como isso enriquece as suas produções.

Linguagem: Ler a biografia do autor é uma estratégia interessante para analisar a linguagem da obra, pois você realiza o link para apresentar o autor do livro e algumas de suas características que dialogam com o estilo da obra. Edson Bueno é estreante em literatura infantojuvenil, no entanto, a sua grande experiência no teatro é perceptível em muitos dos capítulos de Napo que apresentam muitos diálogos.

Durante a leitura da obra, sinalizar para os alunos a grande presença de diálogos na obra, o modo como o assunto principal é entrecortado por algo cotidiano. Como, por exemplo, no capítulo “Lembrança” (pp. 87-89), a cena em que Napo pergunta sobre a sua festa de aniversário, que a mãe, enquanto desempanela a polenta, diz que não acontecerá naquele ano. Entre uma pergunta e outra sobre a desejada festa, Napo vai falando sobre a polenta, a deseja com manteiga, pena que não tem, conta que ela esfria e vai intercalando perguntas sobre a sonhada festa e os problemas de ela não acontecer.

Essa estratégia é recorrente na obra e aparece também no fluxo de consciência do personagem, quando ele faz suas reflexões pessoais sobre cada evento que ocorre em sua vida.

Foco e tempo narrativo: Temos nesta narrativa um narrador-observador, em 3ª pessoa, que conta as histórias do protagonista Napo em diversos momentos de sua vida. Ele é onisciente, pois conhece e revela para o leitor os pensamentos de Napo. No entanto, ele não é um narrador tirano que


NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

domina a vida do personagem, ao contrário, em diálogo com a produção mais contemporânea, o narrador de “NAPO: um menino que não existe” dá voz ao protagonista, deixa que, na maior parte do tempo, o personagem conte a sua própria história. Sentimos a voz forte e viva de Napo e as interferências do narrador reafirmam o que a própria voz da personagem já indica.

O tempo da narrativa pode ser definido como cronológico, pois as ações são narradas na ordem em que ocorrem. Por ser um livro de histórias curtas, que podem ser trabalhadas separadamente, é importante ressaltar que, por ser de caráter cronológico, alguns capítulos se referem a fatos passados anteriormente, e que fazem sentido em diálogo com histórias que acontecem antes. Portanto, sugere-se criar com os alunos a linha do tempo, para que eles percebam a cronologia da história.



Início da narrativa	meio da narrativa	fim da narrativa
Napo na casa da avó	Morte da avó	Napo se recorda de quando a avó era viva

Outro modo de analisar o tempo da narrativa é pensá-lo a partir de cada história separadamente. Por exemplo: no capítulo “Lembrança” (pp. 87-89), que vimos há pouco, o tempo pode ser medido a partir do preparo da polenta, desde que é desempanelada até ficar fria. Mostrar aos alunos que, enquanto os personagens conversam, o transcorrer do tempo pode ser percebido pela transformação da polenta.

Espaço romanesco e protagonista: Para dar sequência à análise, proponha um estudo sobre o espaço da narrativa, explorando cada um dos cenários. Elenque alguns espaços que são de extrema importância para a narrativa (casa do protagonista e embaixo da casa dele [p. 22], casa da avó e o jardim [pp. 89-92], escola, trilho do trem que ladeava o *Country Club* [p. 108]).

Proponha um estudo da casa da avó do personagem, analise a ilustração da avó fazendo polenta (p. 21) e as perguntas do menino naquele momento. Compare com a descrição da casa quando a avó morre (p. 89), e como o protagonista reage à choradeira que se deu quando ele chega perto da avó morta. O que ele repara ao se deparar com a avó no caixão? O que o faz pensar em vida ao invés da morte? “A sua avó era agora o quintal da joaninha!” Analise essa frase com seus alunos, o sentido poético, o modo de ver a sua avó ainda viva. Napo sai da casa para refletir e pensar na avó a partir do jardim e das flores que ela tanto cuidava. Mostrar como os espaços romanescos têm função dentro da narrativa e não são somente um pano de fundo. Mostre como o autor escolhe os espaços para de certo modo dialogar com o estado de espírito do protagonista, portanto, a casa acolhedora da avó, no momento da morte dela, torna-se mais escura e sombria. Espaço de choro e tristeza. Aquela

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

choradeira o incomoda, ele precisa ir para outro lugar em que a avó ainda pudesse ser vivida e lembrada em vida. Por isso ele vai para o jardim.

Outro espaço interessante para análise aparece no capítulo “Gladiadores” (p. 108), espaço de brincadeiras, imaginação e muita aventura. Pergunte aos seus alunos se eles já andaram em trilhos de trem. Se conhecem eucaliptos. Se não, explique que os eucaliptos são árvores muito altas com cheiro agradável e que são escaladas pelos meninos que imaginam ser ali um submarino, no qual eles vivem as “Aventuras submarinas”. Analisem o cenário: eucaliptos = submarino; mar = ar; passarinhos = peixes; outras árvores = algas gigantes. Explore essa capacidade de imaginação dos meninos e dialogue com o texto de Manuel Bandeira “Zeppelin em Santa Tereza”, em que o poeta diz que a chegada do Zeppelin no Morro do Curvelo era uma “visão de aquário”, em que o Pão-de-Açúcar e a Barra eram as pedrinhas, o céu azul era a água e o Zeppelin pode ser lido como o grande peixe.

Além de imaginar os cenários de suas brincadeiras, os meninos, de certo modo, sacrificavam os animais em nome da ciência e da aventura.

Explique a importância da escolha de um espaço para a construção da história, pois uma cena de gladiadores não poderia acontecer num quarto fechado. Ela pede um espaço com a amplitude necessária, morros e árvores para serem escalados e descidos em busca da aventura. Assim, todo aquele espírito aventureiro dos meninos tem espaço para se expressar.

Personagens: Ao analisar as personagens, é de grande relevância observar o papel fundamental que os sonhos e a imaginação do menino Napo representam nesta narrativa. Qual a relação de Napo com os outros personagens? Seu temperamento é forte? Sua mania de perguntar irrita ou não as outras personagens? O que ele aprende com suas perguntas? Retome com seus alunos os capítulos em que Napo questiona seu pai, sua mãe e sua avó sobre diversos assuntos. Entre eles, destaca-se: “Do outro lado” (p. 93), em que Napo, por ser curioso, lê os jornais, fala da importância da leitura e das palavras. Ao encontrar uma notícia sobre a Cinemateca, fica com tanta vontade de conhecer o lugar em que os filmes são guardados que não sossega enquanto seu pai não o leva para ver *Tom e Jerry*, do outro lado da cidade. O que ele provoca nos adultos? E nos colegas de brincadeiras? Sinalize alguns capítulos que demonstram as características do protagonista, tais como: “Gladiadores” (p. 108); “Cabeça, tronco e membros” (p. 75). Explore o modo alegre e divertido com que Napo encara algumas situações e também como ele pode ser sensível e chorar, como no capítulo “O desfecho” (p. 126), quando ele faz uma reflexão sensível sobre a vida, a morte e a ressurreição.

Retome as anotações que seus alunos fizeram no início da exploração da obra, somadas às discussões que fizeram agora sobre as características do protagonista e, nas páginas 49 (plausível impossível) e 136 (tirar um 11 é

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

impossível, assim ele seria um menino impossível). Rediscuta com os alunos a explicação para o título da obra: Napo — um menino que não existe.

O pai, por sua vez, é um caminhoneiro, que leva a vida viajando, mas com os pés bem no chão, ou no acelerador, se preferir. Com isso, pode-se ler a figura do pai como aquela que tenta frear a imaginação do filho e acelerar seu crescimento, colocá-lo dentro do mundo adulto, chamando-o para a estrada de concreto, onde o céu não tem espaço, pois é preciso acelerar o ritmo da vida e pensar no trabalho.

“Meu pai é escravo. Trabalha olhando pro chão. Não enxerga outra coisa além dos próprios pés. Não sou como ele. O mundo dele é o da terra e o meu é o das nuvens” (p. 112). A partir da leitura deste trecho, discuta com os alunos o que leva o pai a ser um homem que olha para o chão, seria a profissão? A falta de vontade de sonhar? A dura realidade do adulto que tem que sustentar a família?

Já a mãe e a avó são mulheres muito presentes fisicamente na vida de Napo, no entanto, diante de tantas perguntas e da insistência do garoto, elas acabam sendo muitas vezes evasivas. Talvez por estarem tão envolvidas com os afazeres domésticos, talvez por não terem mesmo todas as respostas de que Napo precisa. Mas é no diálogo com elas que ele demonstra sua grande capacidade de reflexão sobre as coisas do mundo. Pergunte aos alunos o que essas duas personagens estão fazendo na maioria das vezes em que aparecem? Espera-se que eles percebam que elas estão sempre cozinhando, cuidando da casa ou do jardim. Portanto, são mulheres que trabalham em casa.

No caderno, peça que os alunos anotem as características desses personagens. Construa com eles um fichamento, que pode ser feito em folha de papel sulfite, A4, dividida em dois. Os alunos devem fazer um desenho de um dos personagens e, ao lado, colocar a ficha técnica com a descrição do personagem escolhido. Os melhores trabalhos podem ser expostos num varal na sala de aula ou nos corredores da escola.

Lendo as entrelinhas: Essas perguntas do protagonista para a mãe e para a avó podem ajudar o aluno a ler as entrelinhas, as elipses que a obra oferece. Nesses não-ditos, nesses silêncios, nessa falta de resposta é que mora o espaço para as diversas possibilidades de interpretação da obra. Provoque seus alunos, sem a pretensão de fechar a leitura.

Busque no texto os momentos em que o narrador deixa de contar os motivos que o tornaram tão diferente do pai. Mesmo viajando de caminhão com o pai, (ver a história “Sons”, p. 71) o menino se interessa mais pelos barulhos lá de fora do que pelas engrenagens da máquina. Por que o menino se interessa pelos barulhos noturnos da estrada? O que isso o faz imaginar? Por que o pai vê tantos animais na estrada e o menino não consegue vê-los? O que o pai faz quando o menino pergunta se ele conhece uma história de mistério? Como o

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

pai é caminhoneiro, viaja muito, como reage o menino a cada chegada do pai (pp. 71-73)?

Retome a história “Ponto de vista” (p. 112) e pergunte aos alunos: por que o pai critica a mania do filho de olhar o céu? O que o pai gostaria mesmo que o menino fizesse? Reflita com seus alunos sobre a frase de Napo: “Olhar não é trabalhar com os olhos?”. E a frase do pai “Olha aqui, Napo! Ou você acorda pra vida ou vou tirar um homem daí de dentro nem que seja na pancada!”. Para o pai, quem fica olhando o céu, observando o voo dos pássaros e imaginando não é homem? Boa oportunidade para discutir essa questão de gênero com seus alunos. Reforce que a sensibilidade do olhar não está ligada à feminilidade ou masculinidade. Saber olhar e pensar sobre o que está ao redor requer muito trabalho, tempo e sensibilidade. As grandes ideias, histórias e inventos da humanidade nasceram de homens e mulheres que sabiam observar o mundo, a natureza e as pessoas.

Discuta com os alunos e escute as possibilidades de leitura que eles trazem da obra. Reforce que não há leitura certa ou errada, o que pode existir é leitura mal fundamentada. Pois a leitura literária precisa partir do texto, dos elementos que o compõem. Se a leitura se sustenta a partir do que o texto oferece, ela deve ser validada e compartilhada com o grupo. Para isso, sugere-se uma discussão coletiva sobre a obra para explorar as diversas leituras que ela possibilita, realizando as devidas interferências para que elas se sustentem.

Produzindo a partir do texto: Uma oportunidade de produção de texto em diálogo com o livro pode ser sugerida a partir da transposição do discurso narrativo para o de histórias em quadrinhos. Assim, aprofunda-se a leitura, aproximando o leitor do contexto da obra e fazendo-o refletir e colocar-se no lugar do protagonista. Essa proposta tem como objetivo realizar o diálogo entre os gêneros narrativo e histórias em quadrinhos, demonstrando a leitura de cada aluno sobre a obra a partir de uma linguagem que eles apreciam muito.

Proponha a produção de uma história em quadrinhos. Para isso, o aluno deve escolher uma das histórias de Napo que mais lhe chamou a atenção. Peça para que ele imagine a sequência de imagens, o foco que se quer dar a cada quadrinho e, de posse do projeto, ele deve começar a desenhar.

Ele pode partir da imagem já proposta pelas ilustrações (Napo e demais personagens, espaços, etc), mas também pode recriar, fazendo desenhos próprios sobre aquela cena.

Trabalhe as questões de balões de fala, enfatizando a necessidade de recriação do texto. Mostre que em HQ’s quase não há interferência do narrador, portanto, ao passar o texto narrativo para os quadrinhos ele deve utilizar o desenho para recriar os espaços e as cenas descritas pelo narrador, por meio da transposição da narração e do discurso indireto para o discurso direto. Chame a atenção para a necessidade de síntese deste gênero textual. A

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

escolha das cores e do cenário para a história em quadrinhos também é essencial, portanto, sugira que os seus alunos expressem por meio das cores os sentimentos das personagens.

Para socializar essas produções sugere-se fazer um mural pelos corredores da escola ou mesmo na própria sala de aula.

EXPANSÃO DA LEITURA

Nesse momento é importante despertar nos educandos a percepção de que uma leitura não se esgota, pois uma obra literária é fruto de uma rede de interações e de releituras de mundo, de pessoas, de fatos, de locais, de sensações, sentimentos, vivências e memórias que na palavra do autor ganham novas dimensões, se entrecruzam, sendo reinventadas de modo que já não é o autor que as vivencia, e sim a sua criação (suas personagens).

Por isso, quando se lê, outras interferências surgem na imaginação do leitor, que ativa inúmeros *links* com realidades e fantasias imaginadas ou vividas por ele próprio, com outras leituras, de outros autores.

Relembre que Napo, ao realizar suas produções textuais na escola, reelabora todos os filmes aos quais assistiu, os personagens dos livros e da televisão. A partir dessas referências e das suas experiências de menino, Napo inventa novo filme como “A Massa Assassina”, inspirado no ato da mãe de fazer o pão (pp. 83-86).

Então, proponha aos seus educandos outras leituras, que vão ajudar a estender a sua imaginação a outros campos, enredando-os pela sua similaridade em qualquer aspecto. Esse momento da leitura significa ir além da obra literária e, sem perdê-la de vista, propor relações com outras leituras, que podem ser tanto outras obras literárias, como também filmes, obras de arte, canções. Aqui tanto se abre a percepção para outros gêneros, como para a especificidade da linguagem literária, que comparada a outras linguagens deve ser explorada.

Algumas obras que podem estabelecer esses *links* com o “Napo — um menino que não existe”:

1. Obra literária: “O pequeno príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry. Esta obra francesa, traduzida para o português por Dom Marcos Barbosa, é um clássico da literatura mundial.

O livro conta a história de um menino que vive num planeta muito pequeno, menor que uma casa, o qual o narrador acredita que se chama asteróide B 612. Lá, havia as sementes de baobás, uma praga que o Pequeno Príncipe tinha que arrancar sempre para não infestar o planeta, havia também

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

os vulcões que ele precisava revolver, pois estavam em atividade, mas também havia a doçura do pôr do sol e a sua amada e vaidosa rosa. O Pequeno Príncipe, por se sentir magoado pelas exigências da rosa e pensar que ela não o amava, decidiu viajar para conhecer o mundo e fazer amigos. Visitou vários planetas e aprendeu várias lições. Por ser muito questionador, foi descobrindo entre uma conversa e outra as coisas do mundo. Seu olhar, ora ingênuo, ora perspicaz, faz com que a cada conversa travada com alguém, o personagem descubra algo novo que ele pode melhorar no seu planeta. A conversa com a raposa é um dos momentos mais sensíveis, no qual ele descobre que é responsável por aquilo que cativou, portanto, é responsável por sua rosa. Que a sua rosa não é igual a todas as rosas porque ele a cativou e foi cativado por ela.

Diante dessa breve explanação sobre a obra, fazer a leitura comparada com “Napo — um menino que não existe”. Quais as similaridades que os dois personagens apresentam? Espera-se que os alunos percebam que os dois são muito questionadores e gostam de observar o que acontece em seu entorno. Além disso, a poeticidade e a filosofia presentes nas obras trazem reflexões interessantes sobre a humanidade, a natureza e a relação dos homens com a natureza e entre si.

2. **Obra literária:** “O menino no espelho”, de Fernando Sabino.

“O menino no espelho” é um conjunto de recordações do autor sobre a sua infância: as aventuras, as fantasias, as brincadeiras, os desafios, os medos e a vontade de encontrar um outro menino igual a si próprio. O menino Fernando voa, fica invisível, se encontra com Tarzan e, no espelho, descobre seu outro eu. Essa obra discute a necessidade de, mesmo depois de adulto, não se deixar perder a criança que se foi um dia, ou seja, a capacidade de imaginar, de viver intensamente, fazendo com que as pequenas coisas ganhem algum tipo de importância maior.

Na relação com “Napo — um menino que não existe” temos o desejo de voo e a importância de se viver intensamente. O protagonista em muitos dos contos fala de seu desejo e sonho de voar. Faz relação com o mito de Ícaro, aquele cujas asas derretem quando ele voa para perto do sol. Napo vive em sua infância histórias cotidianas, aventuras imaginadas, brincadeiras infantis que podem ser exploradas nesta leitura em diálogo com o livro de Fernando Sabino.

3. **Canção:** “Guerreiro menino”. Composição de Luís Gonzaga Júnior.

A partir desta canção, explore a necessidade de sonho do Napo, sua insistência em querer voar, mesmo sabendo que racional e fisicamente o

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

homem não tem como voar, a não ser pelo pensamento. A prática de olhar o céu é um meio de transporte para a imaginação de Napo. Leia os versos da canção e compare com a história de Napo.

Por que Napo precisa sonhar? O que é ser perfeito? Por que por dentro do peito há necessidade de descanso? Por que precisamos sonhar? O que existe na realidade que tanto desinteressa o menino? Na história “Ponto de vista” (p. 112), Napo diz para o pai que não é vagabundo, que é menino. Por que o pai associa ficar parado olhando o voo da andorinha à vagabundagem?

Leia para os alunos os versos a seguir, depois oriente a discussão com os alunos: “Um homem se humilha / se castram seus sonhos / Seu sonho é sua vida / e vida é trabalho / E sem o seu trabalho / o homem não tem honra / E sem a sua honra / se morre, se mata”. Compare os versos da música com a descrição que Napo faz do pai: “Meu pai é escravo. Trabalha olhando pro chão. Não enxerga outra coisa além dos próprios pés. Não sou como ele. O mundo dele é o da terra e o meu é o das nuvens” (p. 112).

A partir dessas discussões primeiras, promova um debate com os seus alunos sobre o que difere o mundo do adulto do mundo da criança. Anotem as principais observações no quadro negro. Essas anotações poderão ser retomadas para a análise do filme “A invenção da infância”, sugestão de trabalho a seguir.

4. Filme: “A invenção da infância”. Gênero: Documentário. Diretor: Liliana Sulzbach. Ano: 2000. Duração: 26 min. Cor: Colorido. Bitola: 16 mm. País: Brasil. Disponível no site do “Porta Curtas da Petrobrás”:
<http://www.portacurtas.com.br/Filme.asp?Cod=672>

O filme da cineasta Liliana Sulzbach faz uma comparação entre a vida de crianças que vivem no interior da Bahia com aquelas que vivem na capital paulista, demonstrando que indiferentemente da classe social ou formação cultural, atualmente, ser criança não é sinônimo de ter infância. As crianças do interior baiano sofrem com a falta de condições de higiene e moradia, o que ocasiona um grande índice de mortalidade infantil, e as que sobrevivem precisam desde cedo trabalhar para ajudar no sustento da família. As paulistas, por sua vez, apresentam uma agenda de atividades muito intensa, o que as deixa exaustas como os adultos. O tempo e o espaço para brincadeiras, sonhos e imaginação também é restrito para as crianças de ambas as realidades, apesar de que todas expressam seu gosto pelas brincadeiras.

Ao estabelecer as relações entre o filme “A invenção da infância” e a leitura de “Napo — um menino que não existe”, explore as questões de qualidade de vida, de convívio familiar, de contato com a natureza, percepção do menino Napo sobre o mundo ao seu redor, suas aventuras na escola e também nas brincadeiras infantis. Discuta com seus alunos sobre: o que é ter infância? De que tipo de brincadeiras eles gostam? Que tempo eles têm para

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

brincar? Que sonhos eles têm? Como é a rotina deles? Sobra tempo para sonhar e imaginar? O que eles mudariam nas suas vidas? O filme pode ser trabalhado inteiro ou com alguns cortes que podem ser realizados pelo professor.

Analise com seus educandos as imagens do espaço em que vivem as crianças. Peça para que comparem a imagem do sertão da Bahia (minuto 3´12) com a imagem da cidade de São Paulo. Discuta sobre as causas das mortes infantis, observe que 5 minutos de um filme de 26 minutos são dedicados para falar da mortalidade infantil. Isso pode ser lido como uma necessidade da cineasta de mostrar que boa parte das crianças que nasce sem condições mínimas de higiene e infraestrutura nas cidades não tem direito à vida, portanto, muito menos a ter infância, pois morrem antes mesmo de dar seus primeiros passos.

Perceba a diferente composição de cores intencionalmente escolhida pela diretora do filme para retratar duas realidades bem diferentes: quando as cenas são na Bahia, as cores são mais pastéis, as imagens são externas, ou seja, são todas em ambientes abertos, demonstrando que as crianças baianas, apesar da falta de recurso e do trabalho semiescravo, são mais livres, brincam na rua, ainda têm contato com a natureza (árida, é bem verdade). Já em São Paulo, as cores são mais vibrantes, mas as cenas são em sua grande maioria internas (casa, clube, escola, aulas de dança, de tênis, entre outras), demonstrando como as crianças paulistas estão trancadas, fechadas, “presas” ou, se preferirem, “protegidas” do mundo lá fora. Faça novamente a leitura da capa do livro “Napo — um menino que não existe” e chame a atenção para o fato de que o Napo é retratado a partir de cores alegres, sua vida em comparação com a das crianças baianas é bem melhor, pois nunca lhe falta comida, nem ele precisa trabalhar para ajudar a família. Se comparada à vida das crianças paulistas, a vida de Napo também pode ser lida como melhor, afinal ele tem tempo para sonhar, imaginar e viver o espaço e as pessoas ao seu redor. Napo pode ser retratado com as cores fortes porque é um menino protegido pelo carinho da família, pelo convívio com os amigos, mas também é livre e tem tempo e espaço para brincar, ser criança e ter infância. Seria por isso, então, que ele é um menino que não existe?

5. Obra artística, pintura: Cândido Portinari, artista brasileiro, pintor e desenhista, gostava de pintar crianças em movimento, brincando.

“Meninos soltando pipas” e “O pastor” são as telas sugeridas para o trabalho em diálogo com o livro “Napo — um menino que não existe” e encontram-se no site oficial do pintor, num espaço dedicado às crianças, sendo uma fonte importante de pesquisa.

Acesse: <http://www.portinari.org.br/candinho/candinho/abertura.htm>

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

História: *Nuvens da Fantasia*: "Nossa imaginação esvoaçava como pipas pelo firmamento. Fantasias forjadas, olhando as nuvens brancas, mais brancas que a neve." (*Meninos Soltando Pipas* provavelmente é de 1943. Com 16 centímetros de altura por 11 centímetros e meio de largura, foi pintada com tinta a guache sobre papel). Faça a análise da obra de Portinari, perguntando se os alunos já brincaram de pipas, se conhecem outro nome deste brinquedo (papagaio, raia, entre outros). Analise as cores escolhidas pelo artista: O céu azul em contraponto com a sequeidão da terra. Por que há pouco verde no chão? O que sugerem os braços levantados dos personagens retratados? Podemos pensar que eles têm o desejo de voar como as pipas para o azul do céu, perto das nuvens? Volte ao livro "Napo — um menino que não existe" e analise a ilustração da página 6. Napo já se imagina na nuvem e diz ser no céu que existem as coisas mais divertidas. Lembre os alunos que Napo queria voar e passava horas a olhar o céu. Impressionava-se com o cinema, seus personagens — como na história do King Kong — e gostava de ouvir histórias de sua avó que faziam sua imaginação voar mais alto. Pergunte aos seus alunos do que eles gostam de brincar? Retome as brincadeiras que aparecem no filme "A invenção da infância" e as brincadeiras de Napo, com seus amigos gladiadores. Aqui, é possível fazer um trabalho em diálogo com Educação Física e promover a prática de brincadeiras antigas.

História: *Falando com as estrelas*: "Gostava de deitar na grama e olhar as estrelas, era um grande prazer. Dormíamos cheios de felicidades. Sonhávamos sempre, dormindo ou não." (*O Pastor*, tem 46 centímetros de altura por 54 centímetros e meio de largura. Foi pintado com tinta a óleo sobre tela de tecido em 1954.)

Realize com seus educandos a leitura do texto acima e do quadro. Destaque esse trecho: "Sonhávamos sempre, dormindo ou não." De que cor é o céu? O tom de azul nos faz pensar que a cena é retratada durante o dia ou ao anoitecer? O chão é bastante árido, assim como a obra anterior, por que o artista o pintou assim? Teria o céu mais fertilidade para a imaginação do que a terra? Explore com seus alunos esses elementos da obra de Portinari em diálogo com a história de Napo. O que o pastor está fazendo? Espera-se que os alunos digam que ele está dormindo ou olhando o céu, portanto, pergunte o que fazemos quando estamos dormindo. Em quaisquer das situações, de acordo com o texto acima e com a obra, pergunte o que o pastor faz em seu tempo livre. Espera-se que os alunos concluam que ele sonha. Depois, oriente os alunos para que releiam a história da página 131 de "Napo — um menino que não existe". Enquanto todas as crianças estão correndo, brincando de alguma coisa, Napo pega seu refrigerante e fica deitado na grama, lembrando que a mãe não queria deixá-lo ir ao piquenique na escola por medo de que acontecesse alguma coisa de ruim com ele. Na verdade, o que ocorre no dia do piquenique? O que Eliane faz quando vê Napo deitado na grama? O que

NAPO — UM MENINO QUE NÃO EXISTE



Edson Bueno

Napo diz que está fazendo? Qual a importância de se saber viver os momentos simples com intensidade?

6. Dialogando o texto com o contexto: A partir da leitura de “Napo — um menino que não existe”, é possível abrir uma discussão, um fórum para se pensar o que é ter qualidade de vida hoje. Como vimos, Napo é um menino que tem uma vida comum, que se torna extraordinária pelo modo como ele enxerga tudo ao seu redor. Seu olhar poético e sensível e sua curiosidade singularizam cada evento de sua vida de menino. Portanto, sugira atividades de extrapolação da leitura que façam os alunos refletirem sobre o seu contexto, desferindo ao espaço circundante um olhar crítico e também poético.

Como vivem as pessoas da comunidade em que a escola está localizada? Quais eventos culturais acontecem por aí? Quais espaços verdes vocês têm disponíveis? As pessoas na vizinhança conseguem tempo para conversar, ficar na varanda das casas vendo a noite chegar? Ou estão todos dentro de suas casas e apartamentos vendo televisão? Busque no texto os vários momentos em que Napo presencia a contação de histórias por parte dos adultos (p. 119), releia o capítulo com os alunos e pergunte: As pessoas ainda contam histórias de terror e suspense à noite? De que modo ocorre o convívio entre pais e filhos hoje? Que tempo as famílias têm para conviver? O tempo que as pessoas passam juntas hoje em dia é suficiente?

O acesso à tecnologia certamente abre espaço para as consequências do consumo desenfreado, no entanto, é um avanço social que não se pode mais negar. Com isso, aqui se pode fazer uma reflexão acerca do tempo, da passagem e da velocidade com que tudo vem acontecendo num mundo cada vez mais descartabilizante. Mostre como o Napo vai na contramão disso e vive na simplicidade de olhar ao seu redor e viver intensamente tudo e todos que o cercam com doses intensas de poesia e humor. O olhar aguçado do protagonista não deixa escapar nada e, por ser muito curioso, questionador e criativo, Napo recebe respostas para suas perguntas e nunca se satisfaz com elas, indo além do senso comum, imaginando do seu jeito como as coisas acontecem no mundo.